

# Livros de poemas

Jesus na manjedoura - Que fazeis, menino Deus,  
Nestas palhas encostado? - Jazo aqui por teu pecado.  
- Ó menino mui formoso, Pois que sois suma riqueza,  
Como estais em tal pobreza? - Por fazer-te glorioso E  
de graça mui colmado, Jazo aqui por teu pecado. -  
Pois que não cabeis no céu, Dizei-me, santo Menino,  
Que vos fez tão pequenino? - O amor me deu este véu,  
Em que jazo embrulhado, Por despir-te do pecado. - Ó  
menino de Belém, Pois sois Deus de eternidade, Quem  
vos fez de tal idade? - Por querer-te todo o bem E te  
dar eterno estado, Tal me fez o teu pecado. Leia mais:  
<http://m.quinhentismo2.webnode.com/poemas/>

O todo sem a parte não é todo; A parte sem o todo não é parte; Mas se a parte o faz todo sendo parte, Não se diga que é parte, sendo todo.

Barroco

Se é Doce Du bocage Se é doce no recente, ameno  
Estio Ver tocar-se a manhã de etéreas flores, E,  
lambendo as areias e os verdores, Mole e queixoso  
deslizar-se o rio; Se é doce no inocente desafio  
Ouvirem-se os voláteis amadores, Seus versos  
modulando e seus ardores Dentre os aromas de pomar  
sombrio; Se é doce mares, céus ver anilados Pela  
quadra gentil, de Amor querida, Que esperta os  
corações, floreia os prados, Mais doce é ver-te de  
meus ais vencida, Dar-me em teus brandos olhos  
desmaiados. Morte, morte de amor, melhor que a vida.

Arcadismo

O amor romântico é como um traje, que, como não é eterno, dura tanto quanto dura; e, em breve, sob a veste do ideal que formamos, que se esfacela, surge o corpo real da pessoa humana, em que o vestimos. O amor romântico, portanto, é um caminho de desilusão. Só o não é quando a desilusão, aceite desde o princípio, decide variar de ideal constantemente, tecer constantemente, nas oficinas da alma, novos trajes, com que constantemente se renove o aspecto da criatura, por eles vestida. Fernando Pessoa

Romantismo

A amizade consegue ser tão complexa... Deixa uns desanimados, outros bem felizes... É a alimentação dos fracos É o reino dos fortes Faz-nos cometer erros Os fracos deixam se ir abaixo Os fortes erguem sempre a cabeça os assim assim assumem-os Sem pensar conquistamos O mundo geral e construímos o nosso pequeno lugar deixando brilhar cada estrelinha Estrelinhas... Doces, sensíveis, frias, ternurentas... Mas sempre presentes em qualquer parte Os donos da amizade

Realismo

Abita um bicho em mim Tenho medo de bicho Bicho é assim, paira para pairar

Naturalistas, escritores, cientistas, músicos ricos não pairam, pobres sim... Bichos não são naturalistas Só homens, mulheres...nem pensar O tempero da racionalidade É a perca E de não ter, é não ter perca O mercado esta de portas abertas No entanto fechadas Para quem não é naturalista Surfistas moram nas praias Imperialistas dentro do mercado Leia mais: <https://www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=151941> © Luso-Poemas

Naturalismo

A Catedral Entre brumas ao longe surge a aurora, O  
hialino orvalho aos poucos se evapora, Agoniza o  
arrebol. A catedral ebúrnea do meu sonho Aparece na  
paz do céu risonho Toda branca de sol. E o sino canta  
em lúgubres responsos: "Pobre Alphonsus! Pobre  
Alphonsus!" O astro glorioso segue a eterna estrada.  
Uma áurea seta lhe cintila em cada Refulgente raio de  
luz. A catedral ebúrnea do meu sonho, Onde os meus  
olhos tão cansados ponho, Recebe a benção de Jesus.  
E o sino clama em lúgubres responsos: "Pobre  
Alphonsus! Pobre Alphonsus!" Por entre lírios e  
lilases desce A tarde esquiva: amargurada prece Poe-  
se a luz a rezar. A catedral ebúrnea do meu sonho  
Aparece na paz do céu tristonho Toda branca de luar.  
E o sino chora em lúgubres responsos: "Pobre  
Alphonsus! Pobre Alphonsus!" O céu é todo trevas: o  
vento uiva. Do relâmpago a cabeleira ruiva Vem  
acoitar o rosto meu. A catedral ebúrnea do meu sonho  
Afunda-se no caos do céu medonho Como um astro  
que já morreu. E o sino chora em lúgubres responsos:  
"Pobre Alphonsus! Pobre Alphonsus!"

Canto de regresso à pátria Minha terra tem palmares  
Onde gorjeia o mar Os passarinhos daqui Não cantam  
como os de lá Minha terra tem mais rosas E quase  
que mais amores Minha terra tem mais ouro Minha  
terra tem mais terra Ouro terra amor e rosas Eu  
quero tudo de lá Não permita Deus que eu morra Sem  
que volte para lá Não permita Deus que eu morra  
Sem que volte pra São Paulo Sem que veja a Rua 15 E  
o progresso de São Paulo.

Moça linda bem tratada, Três séculos de família,  
Burra como uma porta: Um amor. Grã-fino do  
despudor, Esporte, ignorância e sexo, Burro como  
uma porta: Um coió. Mulher gordaça, filó, De ouro por  
todos os poros Burra como uma porta: Paciência...  
Plutocrata sem consciência, Nada porta, terremoto  
Que a porta de pobre arromba: Uma bomba.